

Joana Mourato Ferreira

**Uma visão dos Afetos em crianças em Educação Pré-Escolar –
A Felicidade e a Tristeza!**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

Faro, 2023

Joana Mourato Ferreira

**Uma visão dos Afetos em crianças em Educação Pré-Escolar –
A Felicidade e a Tristeza!**

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar
para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho orientado pela Professora Doutora Maria Helena Martins



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

Faro, 2023

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Joana Mourato Ferreira

Copyright © 2023 em nome de Joana Mourato Ferreira, Universidade do Algarve, Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Dedicatória

A todos os que nunca duvidaram de mim...

Eles sabem quem são!

Agradecimentos

O presente relatório tem um peso bastante importante na minha vida, uma vez que vai contribuir para o meu projeto de vida futuro e aquilo com que sempre sonhei alcançar. Foi um caminho bastante duro, um caminho de altos e baixos, um caminho que me fez parar para pensar inúmeras vezes se devia seguir em frente ou desistir. Hoje, ultrapassados tantos obstáculos orgulho-me por ter chegado aqui sem nunca baixar os braços. Tudo isto se deveu às pessoas que estiveram ao meu lado, às pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que fosse possível terminar este meu percurso académico e nunca chegarão palavras para agradecer tudo o que por mim fizeram.

Em primeiro lugar quero começar por agradecer à Universidade do Algarve, à Escola Superior de Educação e Comunicação que se tornou um dos meus cantinhos preferidos. Cheguei cheia de medos e anseios, com receio de não me adaptar, mas o que é certo é que me adaptei e que me despeço com as lágrimas nos olhos por ter deixado ali um pouco de mim, um pouco de tudo o que ali passei.

Obrigada aos docentes que me acompanharam, tanto no decorrer da minha Licenciatura como no decorrer do meu Mestrado, às funcionárias que tão bem me recebiam todos os dias sempre com um sorriso de orelha a orelha para alegrarem os meus dias menos bons. Um agradecimento em especial à minha orientadora, Professora Doutora Maria Helena Martins, que, apesar das minhas ausências, nunca desistiu de mim nem de me incentivar a terminar aquilo que se iria tornar a minha maior conquista, portanto obrigada pela compreensão, trabalho, apoio, disponibilidade e transmissão de conhecimentos e ajuda no desenvolvimento do relatório. Agradeço ainda à minha professora de Prática de Ensino Supervisionada, Ivone Silva, que tantos conhecimentos, tanta força, tanta sabedoria, atenção e tanta energia positiva me transmitiu.

Em segundo lugar, quero agradecer à minha família que nunca desistiu de mim, pelo seu apoio e por terem sido os meus maiores pilares, à minha mãe por ter sempre acreditado que iria conseguir; ao meu pai que se orgulhava de mim por cada passo dado; ao meu cunhado que nunca duvidou de mim; às minhas avós que sempre tinham uma palavra de força e conforto; ao meu sobrinho que, mesmo sem saber, foi a minha maior força e foi por ele que conquistei tudo isto e à minha querida irmã, confidente e melhor amiga por ter estado lá nos bons e nos maus momentos, nos risos e nos choros, nas

brincadeiras e nos desabafos, para tudo e também para nada. Ao meu namorado que foi o meu suporte, o meu conforto, a minha calma. Foram, sem sombras de dúvida, o meu porto seguro e a minha maior motivação.

Em terceiro quero fazer um especial agradecimento à pessoa que me fez ganhar o gosto por esta área e que me deu todas as bases necessárias para iniciar. Quero agradecer, do fundo do meu coração à minha Vera Cachapa por, mesmo muito longe, estar sempre perto de mim e à distância de uma mínima chamada para me ajudar na mais mínima coisa.

Em quarto lugar quero agradecer a todas as crianças que por mim passaram e fizeram do meu percurso, um percurso mais bonito. Sem elas, também nada disto se teria tornado realidade.

Expresso também o meu agradecimento à educadora de infância que me acompanhou na minha última prática, pois sem ela não teria aprendido e evoluído em muitos aspetos.

Ainda antes de terminar queria ainda deixar um enorme obrigada às minhas amigas, aos meus amigos, às minhas afilhadas e a todas as pessoas que fizeram com que estes cinco anos fossem especiais e um misto de emoções. Vocês foram incríveis e eu sou uma sortuda por vos ter na minha vida.

A todos vocês, o meu mais sincero e profundo obrigada! Gosto tanto, mas tanto de vocês. Não teria sido possível se não vos tivesse ao meu lado!

Resumo

O presente relatório pretende dar a conhecer o trabalho desenvolvido na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, numa Creche/Jardim de Infância localizada em Gambelas, Faro.

Foi escolhido o tema “Uma visão dos Afetos em crianças em Educação Pré-Escolar – A Felicidade e a Tristeza!” por ser um tema que me pareceu relevante trabalhar atendendo ainda a que na prática pedagógica fui presenciando muitas mudanças de emoções nas crianças com quem desenvolvi o meu estágio. De assinalar ainda a minha curiosidade por tentar conhecer e analisar melhor como as crianças percecionam os afetos e emoções, para seguidamente conseguir estimular cada criança a perceber o que sente e os afetos associados à felicidade e à tristeza.

Com o presente estudo visou-se analisar se as crianças reconhecem os afetos, as suas emoções e as dos outros, nomeadamente a Felicidade e a Tristeza. Como objetivo específico pretendeu-se ainda desenvolver práticas e estratégias que estimulem na criança a integração e interiorização das emoções para o seu desenvolvimento harmonioso.

A análise de dados e as atividades com o grupo desenvolvidas permitiu observar a evolução de cada criança e do grupo em geral, bem como a perceção das crianças sobre cada emoção a ser estimulada.

No presente relatório aborda-se a importância das emoções em idade de Pré-escolar, aprofundam-se conceitos pertinentes, e reflete-se, através das práticas desenvolvidas a importância de escutar a criança para que seja despertada nela a sua consciência emocional. Apresentam-se e explicitam-se as atividades desenvolvidas, os recursos utilizados, bem como todo o processo nelas envolvido. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as reflexões sobre o trabalho desenvolvido.

Palavras-chave: Afetos; Felicidade; Tristeza; Emoções; Educação Pré-Escolar; Crianças.

Abstract

This report aims to present the work carried out in the course of Supervised Teaching Practice at a Nursery/Kindergarten located in Gambelas, Faro. The chosen theme was "A view of Affection in Preschool Children - Happiness and Sadness!" because it seemed relevant to work on, considering the numerous emotional changes I witnessed in the children during my pedagogical practice. It is also worth noting my curiosity to better understand how children perceive emotions and affections in order to subsequently help each child understand what they feel and the emotions associated with happiness and sadness.

The purpose of this study was to analyze whether children recognize affections and their own emotions as well as those of others, particularly Happiness and Sadness. A specific objective was to develop practices and strategies that encourage the child to integrate and internalize emotions for their harmonious development.

The data analysis and activities carried out with the group allowed us to observe the evolution of each child and the group as a whole, as well as the children's perception of each emotion being stimulated.

In this report, the importance of emotions in preschool age is addressed, relevant concepts are explored, and the significance of listening to the child is reflected upon to awaken their emotional side, as demonstrated through the developed practices. The report presents and explains the activities carried out, the resources used, and the entire process involved in them. Finally, the report concludes with final considerations and reflections on the work conducted.

Keywords: Affections; Happiness; Sadness; Emotions; Preschool Education; Children.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	<i>i</i>
<i>Resumo</i>	<i>iii</i>
<i>Abstract</i>	<i>iv</i>
<i>Introdução</i>	1
<i>Parte I – Enquadramento Teórico</i>	3
1. A Educação Pré-Escolar	4
2. As emoções básicas na Educação Pré-Escolar – A Felicidade e a Tristeza	7
2.1. As emoções nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar..	9
2.2 A importância das Relações Afetivas e a Amizade	10
3. A Prática Pedagógica	11
3.1. Contextualização da Prática e Análise Documental	11
<i>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</i>	19
4. Objetivos do estudo	20
4.1 Tipo de estudo	20
4.2 Questões do estudo e Objetivos	20
5. Metodologia	21
5.1. Gestão curricular	22
5.1.1. Observar	23
5.1.2. Planear, agir e avaliar	25
5.1.3. Comunicar e articular	27
6. Análise da Aprendizagem das crianças	28
7. Diagnóstico	30
7.1. Leitura da história “O Cato quer mimos”	30
7.2. Reconto da história “O Cato quer mimos”	32
8. Estratégias de intervenção educativa	35
8.1. “Era uma vez uma maçã...”	35
8.2. Jogo “O cubo das emoções”	37
8.3. Mural de momentos	40
9. Discussão dos dados recolhidos e do projeto implementado	41
<i>Considerações finais</i>	43
<i>Referências Bibliográficas</i>	46
<i>Apêndices</i>	48

Apêndice A- Consentimento Informado aos Encarregados de Educação.....	49
Apêndice B- Planificação das atividades referentes ao estudo	50

Índice de Tabelas

Tabela 3.1	14
-------------------------	----

Índice de Figuras

Figura 7.1.....	30
Figura 7.2.....	32
Figura 7.3.....	32
Figura 7.4.....	33
Figura 7.5.....	33
Figura 7.6.....	34
Figura 8.1.....	35
Figura 8.2.....	36
Figura 8.3.....	37
Figura 8.4.....	37
Figura 8.5.....	38
Figura 8.6.....	39
Figura 8.7.....	40
Figura 8.8.....	41
Figura 9.1.....	45

Introdução

O presente relatório insere-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar, em contexto de jardim de infância, no ano letivo de 2020/2021, com o tema “Uma visão dos Afetos em crianças em Educação Pré-Escolar – A Felicidade e a Tristeza”.

Segundo Brazelton e Greenspan, (2009), as crianças necessitam de atenção, afeto e carinho, sendo que os afetos desempenham um papel crucial para o seu desenvolvimento harmonioso.

Assim, a escolha deste tema deveu-se fundamentalmente à relevância e importância que os afetos e as emoções apresentam para o desenvolvimento das crianças, principalmente em idade de Creche e Jardim de Infância. A escolha foi feita pelo facto de ser relevante trabalhar o tema, mas também atendendo a que na prática pedagógica fui presenciando muitas mudanças de emoções nas crianças com quem desenvolvi o meu estágio e que muitas vezes era necessário acolher e contextualizar. De assinalar, ainda a minha curiosidade por tentar conhecer e analisar melhor como as crianças percecionam os afetos e emoções, para seguidamente conseguir estimular cada criança a perceber o que sente e os afetos associados à felicidade e à tristeza, ou seja, o que as faz felizes, ou o que as deixa tristes e frustradas. Foi por isso mesmo e, porque ao longo da prática presenciei inúmeras situações que me levaram a percecionar que as crianças não estariam a lidar bem com o que estavam a sentir, que me fizeram despertar a vontade de trabalhar este tema.

Com o presente estudo visou-se analisar se as crianças reconhecem os afetos, as suas emoções e as dos outros, nomeadamente a Felicidade e a Tristeza. Como objetivo específico pretendeu-se ainda desenvolver práticas e estratégias que estimulem na criança a integração e interiorização das emoções para o seu desenvolvimento harmonioso.

Tendo em atenção o que foi explicitado anteriormente, foi desenvolvido um projeto, constituído por cinco atividades, que tiveram como principal objetivo consciencializar as crianças para a existência destas duas emoções, principalmente da Felicidade/Alegria e da Tristeza, ou seja, promover o desenvolvimento das suas competências afetivas e emocionais. Assim, o principal foco foi promover a sua capacidade de identificação, bem como de expressão das emoções encontrando

estratégias a utilizar em diferentes ocasiões. Com estas atividades pretende-se que as crianças consigam, futuramente, partilhar as suas emoções e encontrar de forma autónoma estratégias a utilizar na sua gestão emocional.

Relativamente à estrutura do presente relatório, este encontra-se organizado em duas partes, Parte I - Enquadramento Teórico e Parte II - Estudo Empírico. O Enquadramento inicia-se com uma fundamentação sobre a Educação Pré-Escolar e, posteriormente, apresentam-se, caracterizam-se e descrevem-se as duas emoções básicas selecionadas, nomeadamente a Felicidade e a Tristeza. Segue-se a abordagem do papel das emoções na Educação Pré-Escolar e nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. É ainda apresentada uma breve contextualização da importância das relações afetivas e a amizade. Outro ponto aborda a prática pedagógica e a contextualização da prática e análise documental.

A Parte II integra o Estudo Empírico, definindo-se o tipo de estudo, as questões de estudo e os objetivos. Segue-se o ponto que diz respeito à metodologia utilizada, onde se descrevem os procedimentos metodológicos utilizados. Abordam-se seguidamente as estratégias de gestão curricular, nomeadamente a observação, o planear, agir e avaliar e o comunicar e articular. Posteriormente, é apresentada a análise do diagnóstico realizado ao grupo, bem como dos Projetos da instituição onde se desenvolveu a prática pedagógica. Descrevem-se ainda as estratégias de intervenção que foram implementadas no decorrer das atividades. Segue-se a discussão dos dados recolhidos e do projeto implementado.

Por último, na fase final desta dissertação, apresentam-se as considerações, reflexões finais e algumas limitações sobre todo o percurso no desenrolar da prática pedagógica, bem como as implicações que esta teve para o meu desenvolvimento, quer a nível pessoal, como profissional.

Parte I – Enquadramento Teórico

1. A Educação Pré-Escolar

A educação, pode ser considerada como uma prática que tem como principal objetivo o desenvolvimento de competências de todas as crianças. Neste sentido, a educação, não se pode limitar apenas a ser instruída nas escolas, mas também em casa, desempenhando as famílias um papel extremamente importante. Destaca-se ainda a importância que toda a sociedade em si apresenta para a educação das crianças, atendendo a que estas crescem e se desenvolvem com base no ambiente que as rodeia (Brazelton & Grenspan, 2009; Bronfenbrenner, 1992).

Com base na Direção-Geral da Educação e de acordo com a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) estabelece que,

a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (Art.º 2, Princípio geral).

De acordo com a literatura consultada, pode dizer-se que a educação é aquilo que se aprende, é o exemplo a seguir, é aquilo que ensinamos porque é a partir da primeira infância que as crianças adquirem os conhecimentos. É a partir da primeira infância que as crianças começam a fazer e a mostrar aquilo que nós, educadores, passamos para elas e lhe ensinamos no dia-a-dia. A educação não é só o que se aprende na escola, mas também a ser educado, a saber agradecer, a saber cumprimentar, a saber esperar, a saber ouvir e saber escutar. Educação é ter paciência, é educar com amor, é dar tudo de nós a quem está ao nosso redor, às nossas crianças, às nossas famílias, a todas as pessoas que sentem vontade de saber mais, de dar e de receber. A educação é a palavra e o meio que nunca deverá ser esquecido ou deixado de parte, porque é a partir dela que iremos saber lidar com todo o tipo de pessoas e problemas, é a partir dela que iremos estar aptos para viver no mundo que nos rodeia. É a partir dela que iremos ser felizes e deixar quem mais gostamos felizes.

Com base no Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, “na educação pré-escolar, o educador de infância mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do mundo” (III - Integração do currículo, ponto 1).

A educação é assim a palavra mais bonita. Bonita por ter tanto para dar e tanto para contar. Bonita por ser a partir dela que sabemos conviver, que sabemos viver, que sabemos tudo aquilo que precisamos para uma vida melhor. A educação é assim, uma palavra tão simples, mas com um significado tão complexo e, ao mesmo tempo de uma grande riqueza.

De acordo com o artigo 3.º da Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97), destacam-se quatro princípios fundamentais para a Educação Pré-Escolar, nomeadamente:

“1 – A educação pré-escolar destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar.

2 - A frequência da educação pré-escolar é facultativa, no reconhecimento de que cabe, primeiramente, à família a educação dos filhos, competindo, porém, ao Estado contribuir ativamente para a universalização da oferta da educação pré-escolar, nos termos da presente lei.

3 - Por estabelecimento de educação pré-escolar entende-se a instituição que presta serviços vocacionados para o desenvolvimento da criança, proporcionando-lhe atividades educativas, e atividades de apoio à família.

4 - O número de crianças por cada sala deverá ter em conta as diferentes condições demográficas de cada localidade” (Lei n.º 5/97- Artigo n.º 3).

Refira-se ainda que na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) são apresentados um conjunto de objetivos que destacam que esta deve contribuir para a realização de um trabalho de qualidade nos jardins-de-infância, nomeadamente:

- “a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (Lei n.º 5/97).

2. As emoções básicas na Educação Pré-Escolar – A Felicidade e a Tristeza

Começa-se por realçar que as emoções se encontram presentes em todos os aspetos, no decorrer da nossa vida, mas, de acordo com a literatura podemos constatar que não é fácil defini-las. Assinale-se que, no decorrer deste estudo, sentiu-se a necessidade de procurar resposta para algumas dúvidas que foram surgindo na prática pedagógica e encontrar explicações para estes conceitos.

As emoções podem ser definidas como reações mentais conscientes que são experienciadas individualmente. Damásio (2000) define as emoções como adaptações através das quais os organismos regulam a sua sobrevivência fisiológica e social, constituindo-se como um importante mecanismo de aprendizagem. Este investigador acrescenta ainda que elas são os sensores entre nós e as circunstâncias, ou seja, entre a nossa natureza e as exigências do ambiente. Neste sentido, a emoção é um estado afetivo intenso, de curta duração, originado geralmente como uma reação do indivíduo a certas excitações internas ou externas, conscientes ou inconscientes.

Segundo Oliveira (2021, s.p.), a palavra “emoção, vem do latim “emovere”, significando movimento. Assim, pode definir-se o conceito emoções como reações intensas, inatas, conscientes e/ou inconscientes, manifestadas frente a determinadas condições afetivas.”

Assim, conseguimos perceber que é a partir das emoções que partimos para a ação, bem como para a resposta, originando assim diversos tipos de comportamento. Com isto, todos os comportamentos se diferenciam consoante as emoções, sendo eles positivos se forem emoções positivas, ou negativos se forem emoções negativas. Entendemos como emoção positiva a felicidade que simboliza o bem-estar, a tranquilidade, a paz e entendemos como emoção negativa a tristeza que simboliza a frustração, a desilusão, o desgosto. Oliveira (2021, s.p.) menciona ainda que a felicidade/alegria “é protagonizar, reconhecer e agir em busca do que lhe é importante, na construção de valores próprios. Tem o objetivo de satisfação e recompensa.” Para além disso, este investigador acrescenta também que tristeza/infelicidade “desperta o desejo de recuperar ou reviver o que foi perdido, gera ações de lembrar, caminhar sem rumo nas lembranças com o objetivo de recompor a própria satisfação” (Oliveira ,2021, s.p.).

De acordo com Correia (2022), psicóloga e autora do blogue 3 m's, “as emoções (tristeza, medo, alegria, raiva e nojo) correspondem a reações passageiras com grande ligação ao corpo, nomeadamente ao coração, aos pulmões, aos músculos, e por isso difíceis de camuflar” (p. 9), ou seja, o nosso pensamento/comportamento vai reagir consoante aquilo que nos é dito, bem como as atitudes que são tomadas perante a nossa pessoa. Esta investigadora defende que a ordem pela qual as emoções e os sentimentos se ativam pode depender das situações com que nos confrontamos. Exemplifica dizendo que um som mais alto vai fazer com que a emoção do medo se ative, o que leva a que seja tomado o comportamento de fuga. É necessário que percebamos que todos os nossos comportamentos são resposta às nossas emoções e pensamentos.

Ao longo do seu desenvolvimento as crianças vão ouvindo expressões que progressivamente vão integrando em si e nas quais vão acreditando. Com o passar do tempo estas expressões passarão de “ouvir e esquecer” para pensamentos que vão ficar marcados no seu consciente e inconsciente e, dessa forma, a condicionar as suas emoções. “Queres que te dê motivos para chorares?”, “vá, já passou”, “que feio/a a fazer birra” são frases que são proferidas pelos adultos cuidadores da criança e que, por sua vez, se vão refletir nos seus comportamentos. Tendo em atenção a primeira expressão apresentada, podemos antever que essa afirmação pode levar a criança a que no seu desenvolvimento possa vir a pensar que terá sempre de ter um motivo certo para chorar, não basta precisar ou querer, mas sim chorar depois de lhe baterem ou ameaçar. A segunda expressão, pode levá-la a deixar de sentir o que está a sentir e a parar o tempo de processamento para dada emoção, ou seja, acaba por ser uma obrigação parar naquele momento e esquecer tudo o que se passou sem gerir primeiro aquilo que realmente aconteceu. Por último, a terceira, pode levar à sua desvalorização sempre que mostre as suas emoções a alguém, o que conseqüentemente poderá levar a que se crie uma associação negativa entre a expressão emocional e o seu valor enquanto pessoa.

Para Ascenso (2021, p. 18), “cada emoção representa uma diferente predisposição para a ação; cada uma delas aponta-nos numa direção que já noutras ocasiões resultou bem para enfrentar o mesmo tipo de problema.” Exemplificando e fundamentando através da prática desenvolvida, cada criança ficava triste com uma determinada ação, seja ela um amigo bater-lhe ou como por vezes referiam, “fico triste quando os papás me deixam na escola”. No entanto, obtive respostas contrárias a estas acima referidas como por exemplo, “eu gosto da escola e não fico triste quando os papás me deixam”. Com isto

podemos concluir o mesmo que Ascenso, que há outras ocasiões em que o mesmo problema é resolvido de forma diferente.

2.1. As emoções nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

É importante que a relação entre o educador e a criança seja boa, para que haja uma boa comunicação e articulação entre ambos. Com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al, 2016, p. 28) “a relação que o/a educador/a estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação facilita as relações entre as crianças do grupo e a cooperação entre elas.” Devido a esta relação, o ambiente torna-se mais enriquecedor tanto para os adultos de referência, como para as crianças em termos de aprendizagem e competências sociais.

É importante salientar que o educador deve valorizar o desenvolvimento afetivo das crianças atendendo a que as emoções se encontram presentes nas nossas vidas e é fundamental saber lidar com elas.

Ao longo das OCEPE são inúmeras as vezes em que se fala das emoções. Na Área da Expressão e Comunicação é referido o tópico das emoções devido à aquisição da linguagem e gosto pela mesma, uma vez que ao ganhar o gosto esta interessa-se muito mais por se conseguir expressar acerca do que sente e pensa. Na Área da Expressão Dramática é salientada a importância do brincar ser essencial para o desenvolvimento da criança, sendo este um caminho importante para o seu desenvolvimento emocional. Já no Domínio da Música, é mencionada a importância de se valorizarem as emoções, pois esta área é muito enriquecedora dado que permite que a criança usufrua de experiências emocionais e sentimentais o que conduz ao seu bem-estar. Neste sentido, a Dança também possibilita à criança a partilha de situações reais bem como de situações imaginárias.

É importante que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar realcem a importância e a preocupação com a componente emocional da criança porque todas elas devem encontrar o seu equilíbrio para que cresçam livres e seguras de si mesmo. Com base nas OCEPE (2016, p.33) “o desenvolvimento da Formação Pessoal e Social baseia-se na organização do ambiente educativo, construído com um ambiente relacional e securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima.”

2.2 A importância das Relações Afetivas e a Amizade

Este tópico foi introduzido, tendo como objetivo realçar a importância das relações afetivas e o valor da amizade. Esta justificativa assenta ainda no pressuposto de que perceber as emoções básicas que foram selecionadas para a prática pedagógica a desenvolver, irão permitir a ajudar a fundamentar a ação para que todas as crianças entendam e realcem o valor da amizade, mas principalmente o valor que esta tem nas suas vidas.

Das leituras efetuadas pode dizer-se que a amizade é ajudar o outro, é arranjar as mais variadas maneiras para deixar quem está à nossa volta feliz, é saber ouvir, é saber falar, é saber ajudar e dar a mão, é saber esperar. É ter força de vontade, é pensar no outro e não só pensar em nós, é esforçarmo-nos por quem se e esforça por nós e valorizar cada passo dado. A amizade não é só estar presente nos bons momentos, a amizade é estar lá sempre que é preciso e também quando não é. É mostrar que estamos presentes mesmo longe, é mostrar que tudo aquilo que mais queremos é ver o outro feliz sem precisar de nada em troca porque aquilo que nos deixa felizes é isso mesmo, a felicidade de quem nós gostamos.

Ensinar às crianças o verdadeiro significado de alegria e de tristeza vai permitir-lhes que no futuro adquiram um conceito diferente daquilo que é o tratar bem alguém e de se conseguirem colocar no lugar dessa pessoa para perceberem se é certo ou errado qualquer atitude que possam vir a ter.

A amizade é isto, é poder ver e sentir a dor do outro e nunca o deixar sozinho.

Para Rubin (1982) o ser humano adquire maturidade consoante o desenvolvimento da sua vida e adquire outras competências durante todo o seu crescimento. Este investigador refere ainda que durante a idade pré-escolar, as crianças são egocêntricas e para que se sintam bem, levam a que as outras crianças contribuam de certa forma, positivamente para estas.

No jardim de infância, as amizades entre as crianças são muito diferenciadas, como Rubin (1982) relata estas são distintas através das diferenças físicas, económicas ou até mesmo culturais. Isto pode levar a que haja exclusão em alguns casos devido aos aspetos anteriormente referidos e, para que tal não aconteça, cabe ao educador trabalhar

a importância da formação pessoal e social e inculcar nas crianças a capacidade que estas têm para criar laços e amigos sem terem como objetivo a exclusão.

É importante referir que a amizade no jardim de infância, bem como no mundo em geral, está presente em todos os grupos, seja ele de adultos ou de crianças, isto para que haja um bom ambiente educativo e propício para o desenvolvimento destas relações de amizade nestas idades, idades de pré-escolar. Realça-se ainda que se houver estabilidade a nível de amizades, as crianças irão adquirir mais facilmente conhecimentos, bem como desenvolver capacidades através destas mesmas relações.

3. A Prática Pedagógica

3.1. Contextualização da Prática e Análise Documental

Como já apresentado anteriormente, a educação tem como finalidades a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento global de cada criança, procurando ainda ir ao encontro dos seus interesses, ultrapassar as suas dificuldades, partindo do que já sabe e respeitando-a sempre enquanto individualidade.

A instituição de cariz pré-escolar, onde se desenvolveu a prática, é uma instituição particular que tem vertente de Creche e Pré-escolar. As suas instalações apresentam excelentes condições e um espaço exterior privilegiado, que convida ao contacto e exploração da natureza. Neste sentido, mais do que meras atividades a instituição pretende proporcionar momentos e experiências de descoberta e felicidade.

A comunicação e a cooperação entre toda a equipa educativa, assim como com as famílias é um dos pilares desta instituição, o que contribui para a continuidade da ação educativa e a promoção de um ambiente positivo.

Neste sentido, a instituição apresenta um leque variado de profissionais que asseguram o bom e eficaz funcionamento quer da Creche, quer do Jardim de Infância, de acordo com as suas competências e garantindo qualidade e confiança.

A educadora de infância e a auxiliar de ação educativa são os recursos humanos da sala de atividades, sala onde se desenvolveu a prática. A educadora destaca-se pela intencionalidade educativa com que planeia e age no quotidiano do Jardim de Infância. A auxiliar de ação educativa também assume um papel essencial no processo educativo e

ambas trabalham em parceria e em cooperação, visando garantir o bem-estar, a segurança e o desenvolvimento integrado e global de todo o grupo.

As famílias também representam um recurso importante, uma vez que a sua colaboração permite uma continuidade da ação educativa e pedagógica e potencia o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

O grupo pertence à sala heterogénea, que contempla a faixa etária dos três anos de idade ($M=2.6$; $DP=.495$). O grupo com que se desenvolveu a prática pedagógica é constituído por dezanove crianças ($N=19$), sendo seis do género feminino ($n=6$) e treze do género masculino ($n=13$).

No que se refere à caracterização dos participantes que integram o presente estudo pode referir-se que todas as crianças já frequentavam a instituição e constituíram o mesmo grupo do ano anterior. De um modo geral, estas crianças são oriundas de um meio socioeconómico médio-alto, vivem com ambos os progenitores e têm irmãos. O grupo é heterogéneo ao nível do desenvolvimento e das suas características, uma vez que cada criança é única e traz consigo uma bagagem de conhecimentos e de experiências, que devem ser respeitadas e valorizadas durante o processo educativo. Partindo do que as crianças já sabem e dos seus interesses são dadas oportunidades para que elas construam autonomamente as suas próprias aprendizagens, ultrapassem as suas necessidades e potenciem as suas competências em todas as áreas.

De assinalar que, nesta fase da infância, as crianças apresentam uma grande energia e dinamismo, um crescente autoconhecimento, uma maior autonomia, compreensão do mundo envolvente e interiorização de conceitos, recorrendo ao imaginário e potenciando a sua curiosidade e vontade de descobrir o mundo, o que também é característico deste grupo. É também ainda de realçar que é neste período que as crianças aprendem a lidar melhor com as emoções e sentimentos, ou seja, são mais sensíveis ao bem-estar e atitudes dos outros, que lhe são próximos, donde a intencionalidade da nossa intervenção.

Da observação ao grupo e tendo em consideração as idades das crianças, o respeito pelas regras e limites já deveria ser algo mais consolidado. No entanto, e não obstante, nos momentos de higiene e alimentação o grupo já apresenta uma significativa autonomia e independência, na sala revelam gosto por explorar espaços, materiais e brinquedos, bem como por participar e se envolver nas atividades propostas. Interessam-se por histórias e canções, apresentam uma adequada destreza e desenvolvimento motor, sendo ainda importante referir que as crianças reconhecem o seu nome e as suas características, e

apresentam um vocabulário desenvolvido e complexo, aplicando-o progressivamente de modo correto.

A organização e gestão do grupo foi realizada de acordo com as características individuais das crianças e de modo não diretivo, de forma que a criança seja o ator do seu próprio processo de aprendizagem e para que possa ainda gerir oportunidades que lhe permitam iniciar experiências. O grupo foi organizado tendo em consideração as rotinas e atividades:

- Momentos de Acolhimento;
- Atividades livres;
- Atividades orientadas;
- Momento de higiene;
- Almoço e lanche;
- Repouso.

A interação, a partilha e a cooperação são bastante enriquecedoras no contexto de jardim de infância, uma vez que cada criança é única e diferente, trazendo consigo saberes, ideias e experiências singulares. A aprendizagem cooperativa é um método educativo que se considera muito interessante e que se privilegia na prática pedagógica, e para o qual o grupo começa a reunir competências pessoais e sociais para o integrar. A heterogeneidade ao nível do desenvolvimento e das características pessoais que coexiste no seio do grupo é «encarada como um meio privilegiado para enriquecer as experiências e as oportunidades de aprendizagem de cada criança» (Ministério da Educação, 2016, p. 10).

A gestão do tempo é

(...) flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade (...), existindo, deste modo, uma rotina que é pedagógica porque é intencionalmente planeada pelo/a educador/a porque é conhecida pelas crianças, que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações (Ministério da Educação, 2016, p. 27).

A rotina diária permite uma melhor gestão do tempo educativo e oferece ao grupo um sentimento de segurança e autonomia pela previsibilidade dos acontecimentos do quotidiano no jardim de infância. Apesar disso, a rotina acontece de modo flexível, aberta

e natural de acordo com a dinâmica, necessidades e interesses do grupo no momento (Tabela 3.1).

De realçar que todos os momentos são igualmente importantes, incluindo os de brincadeira livre ou atividades não orientadas, uma vez que ao brincar a criança, comunica, expressa-se e descobre-se a si, aos outros e ao mundo que a rodeia.

Tabela 3.1

Atividades gerais da semana

Rotinas Diárias
8:30h-10:00h – Receção das crianças
9:00h-9:45h – Brincar
9:45h-10:30h – Atividades orientadas
10:30h-11:15h – AAAF's
11:15h-11:45h – Atividades orientadas
11:45h-12:30h – Almoço
12:30h-13:00h – Higiene e leitura de histórias
13:00h-15:00h – Repouso

As atividades são dinamizadas pela equipa pedagógica planificadas mensalmente segundo as três áreas de conteúdo (Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo), integrados nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

A sala de atividades é um espaço privilegiado que pertence ao grupo e onde cada criança constrói as suas aprendizagens e se desenvolve. A organização e a gestão da sala são realizadas de modo a promover a autonomia e a ir ao encontro das necessidades e interesses do grupo.

A organização da sala é a «expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização» (OCEPE, 2016, p. 26).

Na sala há um ambiente educativo acolhedor, seguro e funcional, potenciando assim o desenvolvimento global e pleno de cada criança. A organização e a disposição da

sala são determinadas em função do grupo, uma vez que é fundamental que a sua gestão tenha significado, sentido e funcionalidade para as crianças que o integram.

A sala de atividades é ampla, oferecendo grande mobilidade às crianças, bem iluminada e arejada, organizando-se de forma dinâmica pelas seguintes áreas:

-Área da biblioteca;

-Área do tapete;

-Área dos jogos e construções;

-Área da casinha;

-Área das mesas;

-Lavatório

-Outros mobiliários e materiais em boas condições, que garantem a acessibilidade e segurança das crianças.

Os instrumentos de pilotagem utilizados, nomeadamente o mapa das presenças, das tarefas e do tempo encontram-se acessíveis às crianças para que estas os possam manusear. As atividades realizadas pelas crianças têm visibilidade, permitindo a sua observação e análise, e permitindo ainda às famílias acompanhar os projetos desenvolvidos.

O Projeto Curricular de grupo da sala de atividades, para além de ir ao encontro das necessidades do grupo vai também ao encontro do Projeto Educativo da instituição, que é um projeto que está basicamente direcionado para «o aprender brincando», ou seja, a melhor maneira de adquirir todas as competências para um desenvolvimento global equilibrado, em todas as áreas de conteúdo. O Projeto Curricular de grupo da sala de atividades é assim proposto como uma viagem pelo imaginário através das histórias.

De acordo com o Projeto Educativo da Escola a temática a explorar no presente ano letivo é «Baralhando Histórias». Uma vez que as crianças começam agora a construir e a ter uma maior consciência da sua identidade enquanto seres individuais pretende-se partir daí para trabalhar o seu pensamento lógico e também a sua imaginação.

O Projeto da sala de atividades prova a interiorização de aprendizagens a diversos níveis e nas diferentes áreas de conteúdo realizadas ao longo do ano letivo. Assim, tal como as Orientações Curriculares indicam é bastante importante que cada criança apresente ao longo do ano um desenvolvimento contextualizado e articulado de saberes para que tenha a oportunidade de “dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores...não só para o desenvolvimento de competências sociais, mas

para as trocas e apropriação de informação necessárias às aprendizagens em outras áreas do saber” (p. 62).

Com base em Pimentel (2017) ler, contar e recontar histórias colaboram para estimular a imaginação e a criatividade, sobretudo, mantém vivas as memórias, as tradições e a cultura dos povos. Sendo assim, contar histórias é uma necessidade inerente ao homem para valorização da sua identidade, manutenção da cultura e para aumentar o conhecimento em relação ao mundo que o cerca. Ler e contar histórias na primeira infância é, sem dúvida, fundamental para ampliação do horizonte da criança em relação à vida. Por meio do simbolismo, da emoção e do encantamento estaremos a colaborar para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que a sua capacidade de imaginar é mais intensa.

As histórias comportam diversas vantagens: estimulam a criatividade, a imaginação e curiosidade, sendo que, através das histórias, criamos lugares, personagens, enredos; desenvolvemos a linguagem, enriquecemos o repertório e o vocabulário, sendo que descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos; desenvolvem o sentido estético (através da imagem); são uma fonte de conhecimento; desenvolvem a atenção e concentração; desenvolvem o espírito crítico e analítico; desenvolvem o esquema temporal e espacial; desenvolvem o auto-conceito, e a noção de “eu” e “o outro”. Desempenham um papel no plano cognitivo, na medida em que a criança amplia os conhecimentos, sendo que, além de ser envolvente, a leitura expande as nossas referências e a nossa capacidade de comunicação, fornecendo novas noções, desenvolvimento da linguagem, novos vocábulos, e desperta o interesse pela leitura. Também no plano socio-afetivo, em que estruturas sociais e motivações intrínsecas e extrínsecas se complementam, e na medida em que causa impacto nas nossas emoções.

Assim sendo, a abordagem desta temática revela-se fundamental para um desenvolvimento global, pleno e harmonioso de cada e de toda a criança, pois engloba todas as áreas de conteúdo, de forma que haja um crescimento saudável e feliz na construção da sua personalidade e dos seus saberes.

O processo educativo desenvolvido, ao longo do ano letivo, com o grupo de atividades assume como pilares o bem-estar da criança, a afetividade, o brincar, a autonomia e a criatividade. Ou seja, a criança aprende e desenvolver-se ao brincar de

modo autónomo, criativo e espontâneo, e isso só acontece quando o seu bem-estar e os laços afetivos estão assegurados.

A dimensão relacional tem uma grande importância, uma vez que a relação e comunicação próxima com as famílias permite a continuidade da ação educativa e pedagógica e potencia o desenvolvimento da criança, tornando-o coerente. A interação positiva e afetiva entre as crianças, a equipa educativa e entre ambos cria um ambiente simpático e acolhedor, tendo sempre em mente que o adulto é uma referência para a criança, que aprende bastante através dos exemplos que lhes transmitimos diariamente. Cada criança é um ser único e como tal é valorizada, escutada e acarinhada no seio do grupo, onde se pretende cultivar o respeito, a ajuda e a cooperação entre todos.

A missão é conquistar um desenvolvimento feliz e global de cada criança, trabalhando no quotidiano o saber-ser, o saber-estar e o saber-fazer. A criança é um ser holístico, único e competente, o centro da ação educativa, e está constantemente a desenvolver as suas competências nas suas diferentes dimensões (pessoal, social, cognitiva, física e emocional). Neste sentido, conhecendo aprofundadamente cada criança é possível planear um leque de experiências que lhe sejam significativas, e que por sua vez lhe permitam construir as suas aprendizagens, potenciar as suas competências e responder às suas necessidades. Tudo isto num processo interativo e dinâmico, que a educadora realiza ao longo do ano, de observação, planificação, execução e avaliação de cada criança. (Projeto Educativo, 2022, pp. 11, 14)

A intencionalidade é o que suporta o processo educativo e «implica uma reflexão sobre as finalidades e sentido das suas práticas pedagógicas e os modos como organiza a sua ação. Esta reflexão assenta num ciclo interativo – observar, planear, agir, avaliar – apoiado em diferentes formas de registo e de documentação» (OCEPE, 2016, p. 5).

Os objetivos definidos para o grupo vão ao encontro da faixa etária e do nível de desenvolvimento do mesmo. Segundo as áreas de conteúdo e domínios presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), foram traçados objetivos e competências a desenvolver ao longo do ano através de diferentes estratégias.

O Plano Anual de Atividades é um documento que pretende refletir as atividades e estratégias definidas para o grupo e que se realizarão ao longo do ano letivo. No entanto, apesar de ser importante traçar um plano de trabalho é igualmente importante ouvir e sentir o que as crianças querem e necessitam no momento. Nesse sentido, o Projeto Curricular de Grupo apresenta todas as temáticas e datas festivas que irá ser explorado bem como o Projeto a desenvolver. O Projeto Educativo tem como tema «A brincar e a

aprender, vamos todos crescer.»), e é isso que o grupo da sala de atividades tem vindo, geralmente, a fazer no decorrer da minha prática, construindo aprendizagens e que os façam crescer através da imaginação e das mais diversas brincadeiras, recorrendo ao material mais precioso – as histórias.

No momento de iniciar a temática das emoções, optou-se por utilizar a literatura infantil como estratégia por ser esta um elemento que cativa as crianças e, atendendo a que temos que nos adaptar ao grupo e aos interesses do mesmo acredita-se que seja uma ótima opção.

Após se consultar o Projeto Curricular de Grupo, percebeu-se que a base do projeto era a contagem de histórias e observando o grupo e reparando nos seus gostos constatou-se esse interesse. Assim, considerou-se que a história infantil seria um bom ponto de partida para iniciar a exploração da temática.

Posteriormente à atividade inicial, onde se destacava o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizou-se uma atividade no âmbito da Expressão Dramática, atividade esta que envolvia a mímica.

Uma vez que devemos estimular nas crianças todas as áreas de conteúdo, tentou-se desenvolver atividades de forma pedagógica e lúdica, que envolvem a maior parte delas e, de modo a promover o envolvimento das crianças bem como a formação de competências para o seu desenvolvimento.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

4. Objetivos do estudo

4.1 Tipo de estudo

O presente relatório foi realizado em contexto de Jardim de Infância, no âmbito da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, tendo como foco, o desenvolvimento da construção do saber e sentir as emoções em estudo: a Felicidade e a Tristeza.

Tendo em atenção a temática da investigação e as suas variáveis, optou-se por uma metodologia de âmbito qualitativa. É um estudo descritivo, exploratório e transversal (Fortin, 1999).

4.2 Questões do estudo e Objetivos

Após um primeiro período de observação do grupo, foi definida a questão problema:

- Será que uma visão dos afetos em crianças em Educação Pré-Escolar – Felicidade e Tristeza poderá contribuir para o seu desenvolvimento? Será que ao se trabalhar com elas estas emoções básicas as poderemos ajudar a que expressem mais facilmente sobre as suas emoções, reconhecê-las e arranjar estratégias para interagir com os outros?

Depois de traçar a questão de partida, procurou-se definir algumas questões que possam orientar ao longo da prática, questões essas que foram as seguintes:

- Será que estas crianças conseguem reconhecer as suas emoções?
- Será que estas crianças sabem porque estão felizes ou tristes?
- Será que estas crianças conseguem perceber o que pode levar a que alguém fique triste?
- Será que conseguem exprimir situações de felicidade e de tristeza?
- Que práticas se podem utilizar para que o bem-estar das crianças seja favorecido?

De acordo com a questão problema e as questões orientadoras definidas, o objetivo geral do presente estudo visou analisar se as crianças reconhecem os afetos e as suas emoções e as dos outros, nomeadamente a Felicidade e a Tristeza. Como objetivo específico pretendeu-se ainda desenvolver práticas e estratégias que estimulem na criança a integração e interiorização das emoções para o seu desenvolvimento harmonioso.

5. Metodologia

De forma a dar resposta aos objetivos propostos, definiu-se uma metodologia de natureza qualitativa. Ao adotar esta metodologia, utilizou-se como métodos de recolha de dados a observação, onde observei o grupo a brincar entre pares, em grupo, a desenvolver atividades e criar laços, registos fotográficos para poder complementar o relatório, diálogos das crianças, conversas entre elas e entre os adultos, questões que irão ser colocadas ao longo do estudo e notas de campo, as minhas considerações após a realização das atividades desenvolvidas, estudando assim os participantes desta investigação.

Após várias leituras e com base em Jorge (2013), a Metodologia por Projeto é a base do processo educativo desenvolvido com o grupo e é a partir das vivências e conhecimentos que a criança já traz consigo, bem como das suas necessidades e interesses que se desenha o processo de desenvolvimento integrado e global. A criança é um ser holístico e competente, sendo capaz de descobrir o mundo por si e de construir as suas próprias aprendizagens a partir da ação, da experiência e da exploração de atividades lúdicas, pedagógicas e significativas que lhe serão propostas.

A criança desenvolve-se através da interação e a Metodologia por Projeto estimula a comunicação e a cooperação, contribuindo para a formação de cidadãos autónomos, solidários, conscientes e ativos. Através deste método a criança ao se questionar, investigar e descobrir cria hábitos da mente duradouros e adquire e consolida competências a diferentes níveis.

O processo educativo tem influência da Pedagogia *Waldorf* pela forte valorização e ligação com a natureza e a participação ativa das crianças em todos os momentos do quotidiano.

Também se recorre ao Método Montessori, uma vez que se encara a educação não como uma mera transmissão de conhecimentos, mas como uma orientação e criação de

condições que permitam à criança vivenciar experiências significativas, e a partir daí delinear a sua personalidade, construir conhecimentos e desenvolver competências num processo único.

As Metodologias por Projeto, *Waldorf* e Montessori complementam-se e interligam-se de uma forma harmoniosa, tendo como pilares o brincar, a criatividade, a afetividade e a autonomia. Assim, o processo educativo e o desenvolvimento da criança são potenciados ao longo do ano letivo.

5.1. Gestão curricular

Tendo como referencial as OCEPE (2016, p. 13)

(...) a intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar.

Com isto quer dizer-se que é a partir desta intencionalidade que o educador dá início e sentido à sua prática e é a partir das Orientações Curriculares, como refere Silva et al. (2016, p. 13),

(...) construir e gerir o currículo exige, assim, um conhecimento do meio e das crianças, que é atualizado através da recolhe de diferentes tipos de informação, tais como observações registadas pelo/a educador/a, documentos produzidos no dia a dia do jardim de infância e elementos obtidos através do contacto com as famílias e outros membros da comunidade.

Sabemos que, ao longo dos anos, a educação de infância tem vindo a evoluir levando assim a diferenciar-se da escola por apresentar competências específicas adequadas à faixa etária de cada criança. Tendo em consideração a intencionalidade para

a Educação Pré-Escolar que o educador se baseia para a sua intervenção pedagógica e também conseguir ir ao encontro dos interesses e necessidades do grupo e das famílias.

Para além das OCEPE servirem de suporte ao educador, é também necessário que este passe por vários fatores para que consiga perceber realmente e conhecer as crianças e o meio que as envolve. Para isso, é necessário que o educador observe cada criança bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de atividades e projetos adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objetivos de desenvolvimento e da aprendizagem; tenha em atenção, na planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras; planifique a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo; planifique atividades que sirvam objetivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares e avalie, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.

Em suma, o educador é apontado como um elemento essencial na vida do jardim de infância, uma vez que tem conhecimento sobre as suas competências e sobre como se deve relacionar com o seu grupo de crianças. Para que se crie um ambiente rico e estimulante e se promova aprendizagens diversificadas e significativas, é crucial que o educador faça o planeamento e a avaliação do processo educativo através de observações e registos.

5.1.1. Observar

Segundo Silva et al. (2016), a observação tem uma importante função, ela permite

(...) observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação. Porém, essa observação não se pode limitar às impressões que os/as educadores/as vão obtendo no seu contacto diário com as crianças, exigindo um registo que lhes

permita contextualizar o que foi observado e situar essas informações no tempo. Anotar o que se observa facilita, também, uma distanciação da prática, que constitui uma primeira forma de reflexão (Silva, et al., 2016, p.13).

De referir que a maioria das observações não são planeadas, acabando por acontecerem várias vezes ao dia. Há que salientar que estas observações não planeadas acabam por complementar aquilo que pretendíamos observar/avaliar, o que é uma mais-valia para o educador. Sabemos que se torna impossível registar tudo aquilo que observamos ao longo do dia, mas temos de, de certa forma, selecionar aquilo que consideramos ser mais relevante no que diz respeito às aprendizagens da criança ou do grupo.

No início do estágio, em contexto de jardim de infância, as duas primeiras semanas na instituição resumiram-se sobretudo à observação e, foi devido a essas semanas, mesmo sendo poucas, que se conseguiu conhecer e perceber os interesses e necessidades do grupo, que se conheceu a rotina da sala de atividades, que se percebeu o que a educadora estava a desenvolver e pretendia trabalhar com o grupo, levando assim a conseguir orientar e perceber toda a gestão do ambiente educativo. Para que conhecesse ainda mais toda a instituição, foi facultado para consulta o Projeto Educativo da mesma, de onde se retiraram alguns dados importantes e, posteriormente permitiu perceber como tudo funcionava, possibilitando assim integrar o grupo para melhor poder depois planificar a prática pedagógica.

Assim, as primeiras duas semanas da PES basearam-se na observação das rotinas, da gestão do grupo, do espaço e do tempo, das interações entre o grupo, entre as crianças e o adulto, do funcionamento geral da sala onde desenvolvia o estágio. Esta observação e as conversas/reflexões com a educadora possibilitaram que se tornasse mais fácil interagir com o grupo, criar situações de aprendizagem adaptadas ao grupo, a perceber tudo aquilo que era tratado na sala e a arranjar maneiras de agir e planear futuras atividades indo sempre ao encontro do trabalho da educadora cooperante.

5.1.2. Planear, agir e avaliar

Depois das duas semanas de observação foi possível iniciar a planificação de algumas atividades, com a ajuda da educadora, atividades essas que tiveram como pressuposto básico ir ao encontro da temática que a mesma estava a abordar.

Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas. (Silva, et al., 2016, p.15).

Para planear é necessário que se tenha em atenção diversos aspetos. É importante que haja sempre um fio condutor na nossa prática, tendo sempre em consideração os interesses e as necessidades do grupo de crianças. Todas as atividades que se planificaram na presente prática pedagógica tiveram um ponto de partida e tentou-se sempre que houvesse ligação entre elas, de modo que fosse mais fácil o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Tentou-se sempre desenvolver temas que despertassem mais interesse nas crianças e, ao longo das semanas conseguiu-se desenvolver todas as planificações e também arranjar estratégias de motivação para captar a atenção de todo o grupo. Todas as atividades que foram propostas ao grupo de crianças foram atividades que despertaram muito interesse, o que possibilitou ir cumprindo o que estava definido para o estágio, nomeadamente a planificação semanal.

Neste sentido, importa ainda referir que é necessário que haja sempre uma ligação entre a observação, os registos, a planificação, a ação e a avaliação, levando assim, a que tudo dê certo, uma vez que “o desenvolvimento da situação planeada desafia o/a educador/a a questionar-se sobre o que as crianças experienciaram e aprenderam, se o que foi planeado correspondeu ao pretendido e o que pode ser melhorado, sendo este questionamento orientador da avaliação” (Silva, et al., 2016, p.15).

De assinalar ainda que durante a prática pedagógica foi possível observar os comportamentos, o desenvolvimento e reações das crianças, sendo que, posteriormente foram realizadas as planificações com base nas observações que foram feitas. Foram estas observações que, de facto permitiram que se passasse à ação, sendo que as crianças foram sempre o principal agente de aprendizagem. Para finalizar, fez-se ainda uma avaliação de toda a situação de aprendizagem de modo a avaliar a aprendizagem do grupo, as reações, bem como o desenvolvimento e os receios sentidos antes e após a realização das atividades.

(...) A avaliação na educação pré-escolar é reinvestida na ação educativa, sendo uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem. É, assim, uma avaliação formativa por vezes também designada como “formadora”, pois refere-se a uma construção participada de sentido, que, é, simultaneamente, uma estratégia de formação das crianças, do/a educador/a e, ainda, de outros intervenientes no processo educativo” (Silva, et al., 2016, p.16).

Importa ainda referir que é crucial que as crianças, as famílias, a comunidade educativa, entre outros profissionais, participem ativamente tanto no planeamento como na avaliação de toda a prática educativa. Deixar que a criança participe na avaliação, tentando explicar aquilo que fez, como fez e com quem fez torna-se uma estratégia de aprendizagem.

Relativamente à interação com as famílias, deve referir-se que não foi possível manter muito contacto devido à situação de pandemia que estávamos a viver, tendo apenas o contacto na porta da instituição quanto se iniciava o dia e se esperava que abrissem a porta, sendo que nestes breves momentos também havia pais com várias crianças à espera que eram depois encaminhadas para cada sala. Assinale-se, contudo, que a educadora entrava regularmente em contacto com as famílias através de uma aplicação onde se adicionavam fotografias e momentos que ocorriam diariamente na instituição, inclusive as atividades que foram desenvolvidas pela estagiária com o grupo, bem como momentos da alimentação e das idas à casa de banho e higiene. Quanto às

presenças, essas eram apontadas pelos pais quando entregam a criança na instituição através do QR CODE que os levava diretamente para a aplicação.

5.1.3. Comunicar e articular

O desenvolvimento de um processo participado de planeamento e avaliação implica uma partilha de informação e um processo de reflexão entre os diferentes intervenientes. Cabe ao/à educador/a criar um clima de comunicação em que crianças, outros profissionais e pais/famílias são escutados e as suas opiniões e ideias consideradas e debatidas. (Silva, et al., 2016, p.19).

Partilhando o referido por Silva et al. (2016), a comunicação é de facto a base para a relação entre os indivíduos, pois é através desta que se trocam ideias, conhecimentos e perceções. O grupo com o que se trabalhou, no geral, apresenta um bom desenvolvimento linguístico, fala corretamente, constrói frases e comunica bastante bem.

Salienta-se ainda que todo o grupo de crianças recebeu a estagiária de braços abertos, com todo o amor que tinham para dar, levando assim a que fosse possível sentir uma grande realização e vontade de trabalhar em prol de todas as suas necessidades. Tendo em consideração a comunicação com a educadora cooperante, importa ainda referir que se procurou em todos os momentos uma boa relação e comunicação ao longo do estágio, o que ajudou imenso em todas as dúvidas, medos e receios. Relativamente à comunicação com a auxiliar de ação educativa, bem como toda a equipa, esta também foi muito boa e conseguimos articular bastante bem tudo o que se foi desenvolvendo ao longo do percurso na instituição.

6. Análise da Aprendizagem das crianças

A partir do momento em que se começou a planear, sempre com base no tema geral da instituição e, principalmente na ideia já formada da educadora, foi formulado o projeto do que se deveria fazer para ir ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, sem criar nenhum estereótipo, atendendo a que as crianças são livres de escolherem aquilo que querem e ainda de fazerem as coisas de modo a que se sintam seguras e bem com o que estão a desenvolver.

Neste sentido, importa referir que foram planificadas algumas atividades, desenvolvidas no início da prática pedagógica que não foram ao encontro das expectativas definidas. Esta situação, levantou algumas questões e dúvidas que me levaram a uma análise mais profunda de toda a minha atuação. Esta reflexão, as conversas com a educadora e o facto de, progressivamente me ir sentindo cada vez mais à vontade para desenvolver e propor atividades, levou a que, sem medos e receios, fosse seguindo em frente, planeando e desenvolvendo as atividades que tinha planificado sempre em prol dos interesses do grupo e com a colaboração da educadora e da auxiliar.

A avaliação e a análise da minha prática, levou a que progressivamente se tenha vindo a perceber que as crianças estavam a desenvolver bastantes competências e aprendizagens, reagindo positivamente ao que foi planeado e apresentado. Refira-se que, ao longo de todas as semanas de estágio, foram propostas atividades diferentes, mas também atividades que as fizessem explorar e desenvolver todo o tipo de estímulos, começando em atividades de expressão plástica, passando por atividades sensoriais e acabando em atividades motoras. Importa acrescentar que foram sempre tidos em atenção os interesses e necessidades do grupo, atendendo constantemente a todas as crianças para que todas ficassem e se sentissem satisfeitas ao desenvolverem as atividades propostas.

Ao longo da planificação e atividades pensadas e elaboradas em torno do grupo, foram abordadas algumas áreas de conteúdos, bem como domínios e subdomínios. Uma das áreas abordadas foi a área da Formação Pessoal e Social, área esta que se baseia na educação para os valores, o desenvolvimento da criatividade e “no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia.” (OCEPE, 2016, p. 33). Outra área também muito abordada foi a área da Expressão e Comunicação, uma área onde se distinguem diferentes domínios “por terem uma íntima relação entre si, por constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança

interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia.” (OCEPE, 2016, p. 43). Relativamente aos domínios, foi ainda abordado o domínio da Educação Artística, sendo que neste último se trabalhou um subdomínio, mais especificamente, o subdomínio das Artes Visuais.

Deste modo, refere-se ainda que é importante valorizar as formas de aprender e os progressos de cada criança bem como “reconhecer-lhe o direito de ser ouvida nas decisões que lhe dizem respeito”. (OCEPE, 2016, p. 16). No que respeita à avaliação, procurou-se respeitar as propostas referenciadas nas OCEPE, nomeadamente,

(...) A avaliação do progresso de cada criança, situada no contexto e processo em que se desenvolveu, utiliza abordagens descritivas ou narrativas, que documentam a evolução desse progresso e constituem o meio fundamental da avaliação designada como “alternativa”. São exemplos deste tipo de avaliação a construção de portefólios ou histórias de aprendizagem, em que a criança é envolvida na seleção de trabalhos, imagens e fotografias que fazem parte desse registo. Os comentários da criança que acompanham essa seleção também fazem parte dessa documentação, bem como anotações e registos do/a educador/a e/ou dos pais/famílias. Este tipo de instrumento permite à criança participar no planeamento e avaliação da sua aprendizagem, rever o processo e tomar consciência dos seus progressos. (OCEPE, 2016, p. 18)

7. Diagnóstico

Tendo como objetivo efetuar uma diagnóstico inicial que pudesse guiar a nossa prática pedagógica foram desenvolvidas diversas atividades, que se apresentam seguidamente.

7.1. Leitura da história “O Cato quer mimos”

Na fase de diagnóstico, procurou-se avaliar, quer o interesse das crianças pelas emoções em estudo, quer a sua capacidade para as reconhecer. Neste sentido, foram delineados os primeiros objetivos e procedeu-se à atividade de diagnóstico relativa à leitura da história “O Cato quer mimos” de Ana Ventura e Alberto Faria. Esta é uma história muito especial sobre um Cato que se sente muito sozinho. Assim, em concordância com a educadora cooperante, procedeu-se à leitura e exploração da história referida (Figura 7.1).

Para tal, iniciou-se a atividade solicitando às crianças que se sentassem na área do tapete.

No que se refere à história, importa referir que o livro tinha como personagem principal um gato que, ao longo da mesma, fazia alusão a cada uma das suas emoções, entre elas a Felicidade/Alegria e a Tristeza. Contava a sua vida desde pequeno até ser crescido, sendo que quando era pequeno, este refere que todos os seus amigos saltavam em cima dele, abraçavam-no e davam-lhe mimos. Contudo, à medida que foi crescendo os seus picos começaram a ficar fortes e os amigos tiveram de se afastar porque se magoavam, o que levou a que este ficasse muito triste. Esta situação manteve-se até que um dia, os seus amigos grandes tiveram a ideia de reunir todos os amigos pequenos e entre todos arranjam uma estratégia para



Figura 7.1

Leitura da história "O gato quer mimos"

que o gato se sentisse feliz novamente. A estratégia consistia em que os amigos pudessem andar por entre os seus picos e acabarem até por lá habitarem. Toda esta verdadeira história de amizade levou a que o gato se sentisse imensamente feliz.

Relativamente aos princípios e valores desta história é importante referir que ela ajuda a conceptualizar as emoções da felicidade e da tristeza, a refletir sobre as emoções, e, para além delas, esta história faz-nos refletir muito sobre a amizade.

Após contar a história, foi solicitado às crianças para falarem sobre as emoções que a personagem viveu, relacionando estas com as vivências de cada criança, acabando assim por fomentar a partilha das suas emoções no dia-a-dia. Antes de terminar a atividade foi ainda pedido que cada criança recorresse à expressão facial, representando assim uma emoção por ela escolhida.

A observação e a análise das contribuições das crianças permitiram assim, proceder a uma análise diagnóstica sobre as suas conceptualizações a propósito das emoções Felicidade e Tristeza e também sobre a importância das relações afetivas e da amizade.

De realçar que estas crianças relataram tudo aquilo que foi contado, pelas suas palavras. Inicialmente fizeram algumas questões, tais como: *"Se eu bater nos amigos eles ficam tristes?"*; *"Se a mamã do meu amigo F o vier buscar ele fica feliz como o gato e já não chora?"*; *"Se o amigo se magoar e lhe dermos um abraço ele fica feliz como o gato?"*; *"Se a tua mamã for embora tu ficas triste assim como o gato?"*. Estas foram algumas das perguntas feitas após o momento de reflexão da história como se pode constatar acima. Assim, para dar sentido ao pensamento das crianças, todas elas foram respondidas de modo que pudéssemos avançar para a próxima atividade. Ainda antes de terminarmos foi perguntado a todo o grupo *"Vocês querem estar muito, muito, muito felizes como o gato ou muito muito tristes?"* ao que me respondem bem alto *"Muito, muito felizes Joana!"* e, de seguida, foi questionado *"Então, e o que podemos fazer para nos sentirmos assim?"*. No geral as crianças responderam *"Dar abraços e beijinhos"*. Na sequência das suas respostas foi pedido que todos se levantassem, abri os braços e rapidamente correram para que dessemos um super abraço, ou seja para ficarmos todos ainda mais felizes.

7.2. Reconto da história “O Cato quer mimos”

De forma a avaliar se todas as crianças tinham interiorizado as emoções e os afetos que estávamos a explorar e a aprender, decidiu-se refazer a história e torná-la mais real. Assim, no sentido de promover o interesse das crianças e desenvolver uma abordagem mais lúdica na atividade, foram utilizados materiais feitos à mão.



Figura 7.2

Figuras da história em feltro



Figura 7.3

A personagem principal da história

Com este objetivo foi feito um gato gigante, tornando a história mais real e, também para que todas as crianças, ao visualizarem o gato, pudessem estar mais ligadas diretamente à história (Figura 7.2 e Figura 7.3).

Começámos por organizar cadeiras em meia-lua para que todas as crianças tivessem visibilidade. A seguir cada criança sentou-se numa cadeira à sua escolha e foi feito silêncio. Após alguns segundos, quando se verificou que as crianças estavam interessadas e disponíveis, deu-se início à história e, em simultâneo, com o grupo contávamos o que ia acontecendo à medida que íamos colando aquilo que íamos contando, isto é, o grupo, por si só e com a minha ajuda relataram a história que já lhes tinha contado e, à sua maneira, foram introduzindo os animais que nela iam aparecendo bem como as emoções que o gato estava a sentir nos vários momentos da história. Todas

as crianças contaram parte da história e colaram aquilo que nela ia aparecendo (Figura 7.4, Figura 7.5 e Figura 7.6).



Figura 7.4

Participação no reconto da história



Figura 7.5

Participação no reconto da história



Figura 7.6

Reconto da história pelas crianças

De referir que estes foram momentos de grande interesse, partilha, ajuda e entreajuda entre todo o grupo e, foi com esta atividade que foi possível reavaliar a perceção que as crianças tinham desenvolvido sobre as emoções em estudo.

No final da história foi ainda feita nova reflexão sobre a Felicidade / Alegria e a Tristeza, sendo de realçar que à medida que a história ia sendo recontada, era questionado que emoção as crianças estavam a sentir ao ouvirem o gato a exprimir-se. De realçar que todas estas crianças conseguiram reconhecer cada emoção do gato e sempre que os amigos deste faziam com que o mesmo ficasse triste ou feliz eles diziam “o gato agora vai ficar muito triste”; “o gato agora já não vai ter mais amigos e por isso está triste”; “os amigos do gato já não são amigos dele”; “o gato tem picos muito fortes e magoa os amigos”; “os amigos do gato são maus porque já não lhe dão abraços”; “o gato agora vai ficar feliz”; “o gato está feliz porque os amigos lhe fazem cócegas”; “o gato está feliz porque os amigos lhe estão a dar abraços e beijinhos”; “o gato está feliz porque os amigos já

não vão embora"; "o gato está feliz porque tem muitos amigos." Da análise avaliativa aos comentários das crianças pode-se considerar que o grupo, no geral, reconheceu e percebeu as mudanças de emoções do gato e os motivos pelos quais este ficava triste ou feliz, dando exemplos da vida real como por exemplo “se os amigos me batem eu fico triste como o gato” ou “quando os papás chegam eu fico feliz como o gato”.

8. Estratégias de intervenção educativa

Dando continuidade ao que foi delieado para a intervenção seguims com outra história “Era uma vez uma maçã...”

8.1. “Era uma vez uma maçã...”

Depois de se contar, recontar a história e conversar com o grupo acerca das emoções em estudo foi-lhes apresentada uma maçã. Seguidamente, foi pedido que todos se sentassem em meia-lua, como era habitual, e foi contada a história de uma maçã (Figura 8.1).

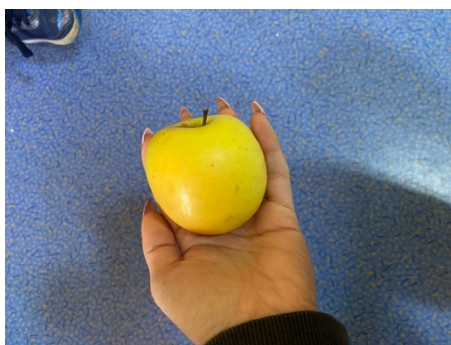


Figura 8.1

Maçã usada para o jogo

De acordo com a história, era uma maçã que era muito, muito boazinha, amiga de tudo e toda a gente, mas houve um dia em que a magoaram muito e a maçã não sabia o porquê. De realçar que todos ficaram entusiasmados com o que poderia ter acontecido à maçã e foi então que aproveitando o seu entusiasmos lhes foi questionado sobre “O que

será que aconteceu à maçã?”. Automaticamente, a maioria das crianças respondeu que a maçã tinha caído. A partir das respostas dadas foi-lhes explicado de seguida que não nos magoamos apenas quando caímos, ou seja, que também nos magoamos quando alguém nos faz mal. Seguidamente, foi pedido que todos, um de cada vez, magoasse a maçã. Nem todos aceitaram, uns bateram devagar, outros deram pontapés, outros devolveram-na e outros bateram com força (Figura 8.2).



Figura 8.2

Grupo a magoar a maçã

Depois da maçã passar por cada criança foi referido que a maçã tinha ficado muito triste e magoada, tão magoada que nem um abraço a poderia fazer ficar melhor. Foi aí que se abriu a maçã e se mostrou como esta estava por dentro (castanha e amolgada) (Figura 8.3). Realça-se que todas as crianças ficaram boquiabertas por não estarem à espera de ver o que estavam a ver. Seguidamente, foram explicitados os afetos e as emoções advindas de uma situação em que se é magoado.



Figura 8.3

Maçã no fim do jogo

Para finalizar foi ainda desenvolvida uma conversa com o grupo em que lhes foi explicado que nos sentimos tristes e magoados "por dentro", tal como a maçã, quando alguém nos magoa, quando caímos ou quando alguém nos bate . Foi ainda trabalhado o que se deve fazer quando magoamos alguém, ainda que tenha sido sem ser de propósito, e que como estratégia, devemos pedir desculpa, dar muitos abraços e beijinhos, partilhar os brinquedos e que se incluirmos todos em todas as brincadeiras podemos fazer com que essas pessoas se sintam muito mais felizes e alegres.

8.2. Jogo "O cubo das emoções"

Outra atividade desenvolvida com o grupo foi o jogo "O cubo das emoções" (Figura 8.4).



Figura 8.4

O cubo das emoções

De referir que este recurso despertou imenso a atenção e curiosidade de todas as crianças. Ansiosos por saber o que se ía apresentar as crianças sentaram-se todas no tapete em meia-lua e passou-se a explicar como se iria desenvolver a atividade. Assim, foi pedido que, um por um, se dirigissem ao meio, atirassem o cubo ao ar e representassem através de mímica facial e corporal a emoção apresentada na face superior do cubo (Figura 8.5).



Figura 8.5

Início do jogo do cubo

Como visualizado na Figura 8.4, o cubo tinha seis faces, uma delas com uma cara feliz, sendo que se lhes calhasse esta face teriam de fazer gestos ou expressões de quando se sentem felizes. Outra das faces do cubo era uma cara triste, sendo que na terceira e quarta face estava um indivíduo e uma cara feliz e na outra uma cara triste. Foi explicado às crianças que, caso lhe calhassem estas faces teriam que fazer com que um amigo se sentisse feliz ou magoado. De frizar que sempre que saía a face de deixar alguém feliz, estes dirigiam-se a quem quisessem e davam-lhe um abraço, um beijinho, ou faziam uma festinha, já nas vezes que saía a face de magoar, estes hesitavam e diziam que não queriam magoar ninguém porque não se magoam os amigos (Figura 8.6).

Tanto eu como a educadora tentávamos que estes fizessem algo que deixasse o amigo triste sem precisar de magoá-lo, mas hesitavam mesmo assim. Apenas duas crianças de dezanove realizaram esta parte do jogo. Nas duas últimas faces estava um ponto de interrogação e uma cara feliz ou triste, e nestas teriam de responder a uma pergunta que lhes era feita, correspondendo à felicidade e à tristeza.



Figura 8.6

Respostas ao jogo do cubo

Analisando as realizações das crianças e as suas respostas foi possível efetuar uma análise avaliativa percebendo que, com este jogo, todas as crianças estavam felizes com o que estavam a fazer, sendo ainda que respeitavam a sua vez de jogar.

No momento de realizarem os gestos ou expressões da emoção correspondente, todas as crianças o conseguiram fazer. No que diz respeito ao momento de fazerem algum amigo feliz, também todas o fizeram, embora alguns com mais timidez do que outros. De referir, no entanto, que no momento de fazerem algum amigo triste, nenhuma criança o fez, por não quererem magoar ninguém.

A análise avaliativa efetuada a esta atividade permitiu concluir que nenhuma criança se sente feliz em contribuir para que um amigo fique triste. Já no momento das perguntas, todos responderam, sendo obtidas respostas como: *“Fico feliz quando a mãe e o pai me vêm buscar à escola”*; *“Fico triste quando os papás vão embora”*; *“Fico feliz quando vou passear”*; *“Fico triste quando o pai ralha comigo”*; *“Fico feliz quando vejo a avó”*; *“Fico triste quando os amigos choram”*, entre outras respostas que contribuíram para que pudesse avaliar que todas as crianças conseguiram reconhecer os afetos de cada uma destas emoções básicas e ainda conseguiram estabelecer diferenças, entre o que era realmente estar feliz ou triste. De referir ainda que foi possível verificar que mesmo as crianças mais tímidas conseguiram realizar tudo o que lhe foi pedido através do jogo do dado.

Durante o jogo procurou-se sempre atender às necessidades e pedidos das crianças e, sempre que estas pediam para repetir, era-lhes permitido, embora fosse pedido que esperassem que todos os amigos tivessem participado para poderem depois explorar o

dados livremente e repetirem as vezes que quisessem. Todos se respeitaram e após terminar o jogo foi permitido que o explorassem como quisessem.

De referir ainda que este jogo acabou por ser utilizado posteriormente, atendendo a que as crianças recorriam a este, por diversas vezes nos seus momentos de brincadeira livre.

8.3. Mural de momentos

Após serem terminadas as atividades planeadas para estimular a aprendizagem das emoções em estudo, foi ainda decidido fazer um mural de fotografias e marcas de todos os que fizeram com que estas atividades fossem concretizadas com sucesso. Assim, foi possível deixar visível aquilo que foi aprendido: *“Nós crianças queremos...alegria, felicidade e não queremos tristeza!”*

De realçar ainda que apenas três crianças escolheram tirar fotografia expressando tristeza, ao contrário das outras que quiseram mostrar alegria e dar abraços aos amigos para que todos se sentissem felizes (Figura 8.7 e Figura 8.8).



Figura 8.7

Início do mural



Figura 8.8

Mural das emoções

9. Discussão dos dados recolhidos e do projeto implementado

Após a apresentação do projeto e atividades implementadas, importa realizar uma breve discussão.

Efetivamente, da análise aos dados recolhidos é possível evidenciar que as crianças, para além de representarem a realidade social partilham muitas capacidades, apresentam muitas diversidades na maneira como encaram a felicidade e a tristeza no seu dia a dia, assim como são diferentes as suas capacidades e maturidade relativamente às suas perceções sobre as emoções. De um modo geral, todas as crianças conseguem encontrar a felicidade nas brincadeiras diárias e no convívio com quem está à sua volta.

Assim, é possível concluir, depois da realização das atividades desenvolvidas para o presente estudo, que todas as crianças conseguiram reconhecer as emoções em si e nos outros e foram capazes de demonstrar o que é estar feliz, bem como aquilo que pode ser feito para deixar o outro feliz, mas também o que é estar triste e aquilo que pode levar a que o outro fique triste e magoado.

Tendo em atenção a emoção básica Tristeza, a maior parte das crianças opta por relatar os motivos que as deixam tristes, como por exemplo quando os pais as deixam na escola ou quando sofrem violência por parte de algum amigo. Todo o grupo foi capaz de reconhecer e explicitar vivências e memórias de experiências, bem como das atitudes ou posturas que toma ou adota quando está triste, o que se viu ao longo do jogo do cubo das

emoções. Ainda relativamente a esta emoção, as crianças apresentaram uma clara conceção da emoção em estudo, no entanto, quando lhes foi pedido que deixassem alguém triste, estas, no geral, ainda que em forma de brincadeira não aceitaram a proposta respondendo de seguida que “*não se magoam os amigos*”. Para além de se incutir e estimular nestas crianças estas emoções, contribuiu-se para que estas percebessem de uma forma diferente aquilo que os amigos sentem quando lhes batem, e que para que eles não se sintam tristes, aquilo que terá de ser feito é tomar atitudes que os deixem felizes.

Nesta fase final importa ainda referir que foi sentido ao longo do projeto o sentimento do dever cumprido, um sentimento muito gratificante por ter contribuído para potenciar e incutir neste grupo de crianças a vontade de fazer pessoas felizes e não tristes e tê-las feito perceber o que é realmente estar feliz e triste.

Com este estudo pretendeu-se ainda, como já foi referido, compreender as emoções vividas e expressas pelas crianças, nomeadamente, a Felicidade e a Tristeza. À medida que se foram desenvolvendo as atividades e se ia partilhando e discutindo o que ia e tinha sido feito, as crianças mostraram que tinham conhecimento destas emoções e ainda das estratégias a que se podia recorrer para superar as emoções menos positivas, neste caso, a Tristeza. O facto destas crianças se manifestarem dizendo que querem ajudar ou dar um abraço quando lhes é perguntado o que fazer quando um amigo está triste, demonstra conhecimento sobre as emoções e, principalmente, respeito e empatia pelo outro.

Considerações finais

No presente tópico pretende-se salientar os aspetos que resultaram do processo investigativo e que possibilitaram dar resposta às questões de pesquisa delineadas e apresentadas anteriormente.

Através da observação e diagnóstico inicial, foi possível evidenciar a dificuldade que as crianças do grupo da sala dos 2/3 anos tinham em reconhecer as emoções, ou seja, o que era realmente ser feliz e sentir-se bem, como ainda deixar alguém triste ou feliz. Com o decorrer das atividades todo o grupo conseguiu desenvolver uma perceção e um reconhecimento destas emoções de uma forma diferente da que tinham antes.

De assinalar que a compreensão das emoções básicas é fundamental para o desenvolvimento global da criança e para que as crianças consigam ultrapassar algumas adversidades do seu dia-a-dia, pelo que a realização das atividades propostas se justifica plenamente.

Para atingir os objetivos propostos, pretendeu-se promover estratégias capazes de desenvolver competências nestas crianças, nomeadamente no que se relaciona com o reconhecimento da Felicidade/Alegria e da Tristeza.

Tendo por base o objetivo geral definido, procurou-se assim implementar estratégias de forma a responder às perguntas iniciais de pesquisa, nomeadamente:

- Será que estas crianças conseguem reconhecer as suas emoções?
- Será que estas crianças sabem porque estão felizes ou tristes?
- Será que estas crianças conseguem perceber o que pode levar a que alguém fique triste?
- Será que conseguem exprimir situações de felicidade e de tristeza?
- Que práticas se podem utilizar para que o bem-estar das crianças seja favorecido?

Analisando os resultados, pode concluir-se que após a nossa prática pedagógica, as crianças do grupo são capazes de reconhecer as emoções básicas quer em si, quer nos outros; são capazes de exprimir o que sentem quando estão felizes ou tristes; conseguem perceber o que pode levar alguém a ficar triste. e são ainda capazes de exprimir situações de felicidade e de tristeza. Tendo em consideração as estratégias que foram usadas com o grupo, este conseguiu entender e representar as expressões que lhes foram pedidas para reconhecimento tanto da Felicidade/Alegria como da Tristeza.

A participação das crianças demonstrou o interesse que estas atividades despertaram nelas para realizar tudo o que lhe foi proposto, sendo que, ao utilizar-se uma prática pedagógica lúdica, facilitou-se a aprendizagem de cada criança acerca do tema em estudo.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, verificou-se que o grupo fortaleceu uma grande relação de amizade entre eles através da interação e jogos que em conjunto realizaram.

Como importante constatação importa ainda referir que a presente dissertação se tornou muito importante, pois foram imensas as aprendizagens realizadas, tanto da minha parte como da parte das crianças, sendo que foi muito gratificante constatar o quanto as crianças crescerem e se desenvolverem felizes em prol de tudo aquilo que lhes apresentamos, até porque o objetivo não é o resultado, mas sim o processo e tudo o que fazemos em prol daquilo que realmente pretendemos.

Outra importante constatação tem a ver com o papel dos educadores, que se constituem como uma das chaves para a felicidade das crianças, eles são ajuda, são educação, são ensinar, são carinho, são amor, são sorrisos, são parceiros, são fiéis, são família. Os educadores são as primeiras pessoas em quem os pais depositam toda a confiança. Os educadores são as primeiras pessoas, para além da família, a marcarem a vida de cada criança, pelas memórias, pelas fotografias, pelas aprendizagens, pelo desenvolvimento, pela primeira etapa do seu percurso escolar. Os educadores são especiais e são as próprias crianças que assim nos tornam, assim nos deixam porque é delas que vem todo o amor do mundo, é delas que vem o melhor abraço, o melhor beijinho, o melhor aconchego, são elas que nos fazem levantar da cama todas as manhãs para irmos desenvolver atividades de modo que as estimulemos em todos os aspetos. São elas que nos fazem ser felizes todos os dias. E que bom que é ser educadora.

Sinto-me feliz. Sinto-me realizada. Sinto-me orgulhosa por nunca ter desistido, por nunca ter baixado os braços, por sempre ter lutado pelo que realmente queria. Sinto-me feliz por poder ter a oportunidade de estagiar, de ganhar ainda mais experiência, de poder fazer parte do seu crescimento e deixar uma marca positiva nestas crianças. Sinto-me a educadora que sempre invejei, que sempre sonhei ser em pequena. Sinto que com todas as atividades que desenvolvo as crianças aprendem na medida em que as planeio de forma a ir ao encontro de todos os interesses e necessidades de cada criança porque é assim que alcançaremos tudo aquilo que pretendemos, adaptando-nos a cada criança, a cada desenvolvimento, a cada aprendizagem, pois cada um tem o seu ritmo. Sinto que

estou apta, mesmo sabendo que todos os dias irei aprender mais para realizar aquilo que sempre quis. Sinto que, depois de todos os erros, todas as quedas e todos os recomeços, estou pronta para educar e fazer crianças felizes.

Relativamente a todo este percurso, importa referir que houve muitas dificuldades e limitações. Primeiramente, achava que ia ser difícil abordar e explorar as emoções em crianças desta faixa etária, depois achava que não iria arranjar estratégias para consolidar ambas as emoções e apresentar ao grupo. Porém, encarei tudo como um desafio e segui em frente com o que achava que seria certo e, posso agora dizer que afinal deu certo. Refiro que, por ter dado certo com este grupo, não quer dizer que possa dar com outro grupo das mesmas idades, pois cada criança é uma criança e tem as suas necessidades. É importante que se observe o grupo e se adotem estratégias para que seja tudo superado com sucesso.

Para finalizar, terminei o estágio a pensar que este será sempre o caminho mais certo e que marcar pela diferença positiva será sempre uma mais-valia, tanto para o nosso futuro académico, como para o nosso futuro profissional. Ao longo da nossa vida estaremos sempre a aprender e tenho tido o exemplo disso, pois com o passar dos anos e em todos os estágios, práticas e voluntariados que já fiz nesta área, posso dizer que continuo a aprender sempre mais um pouco, mas aquilo que mais marcado fica é que o amor que damos e recebemos das crianças é algo que terá de ser levado para a VIDA!



Figura 9.1

O grupo com quem foi desenvolvido o estudo

Referências Bibliográficas

- Andrade, J. (2017). *A importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos*. [Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial, Universidade Fernando Pessoa.]
https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6307/1/DM_Joana%20Fraga%20Andrade.pdf
- Ascenso, J. (2022). *Neurociências e inteligência Emocional*. Lisboa: Pactor- Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Brazelton, T. B. & Grenspan, S. I. (2009). *A criança e o seu mundo. Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Editorial Presença.
- Cardona, M., Silva, I., Marques, L., & Rodrigues P. (2021). *Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/planearavaliar.pdf>
- Casanova, N., Sequeira, S., & Silva, V. (2009). *Emoções*. [Trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina de 'Psicologia Geral' do curso de Psicologia. Portal dos Psicólogos.] <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0132.pdf>
- Correia, T. (2022). *Laboratório de Emoções*. Oficina do Livro.
- Damásio, A. (2000). *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si*. Companhia das Letras.
- Diário da República. (1997). *Decreto-Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro. Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar*.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lei-quadro_educacao_pre-escolar.pdf
- Diário da República. (2001). *Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto. Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância*.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/dl241_01.pdf

- Diário da República. (2001). *Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de agosto. Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário*. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/241-2001-631843>
- DGE (2020). *Educação de Infância*. Direção Geral da Educação (DGE). <http://www.dge.mec.pt/educacao-de-infancia>.
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Lusociência.
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação e envolvimento das famílias – construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/participfamilias.pdf>.
- Oliveira, C. (2021). *Definição das emoções*. <https://www.psicologacarla.com/2021/03/definicao-das-emocoes.html>.
- Oliveira, S. (s.d.). *Escola Virtual*. <https://www.escolavirtual.pt/Blogue/Artigos/pedagogia-waldorf-crescer-sem-prensa-tal-como-se-e.htm>.
- Pimentel, J. (2017). *A importância das histórias no Pré-Escolar*. Escola Superior de Educação. Instituto de Ploitécnico de Coimbra. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23129/1/JULIANA_PIMENTEL.pdf.
- Rubin, Z. (1982). *As Amizades das Crianças*. Publicações Dom Quixote.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Vasconcelos, T. (2012). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Direção Geral da Educação (DGE). http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/trabalho_por_projeto_r.pdf.

Apêndices

Apêndice A- Consentimento Informado aos Encarregados de Educação



Autorização para a publicação de fotografias e trabalhos

Exmo./ª Encarregado/a de Educação,

Sou estudante do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve. Para fins de realização da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, vou permanecer na sala do/a seu/sua educando/a até Janeiro do corrente ano letivo.

Como tal, venho por este meio requerer a sua autorização para que sejam tiradas fotografias ao/à seu/sua educando/a durante as atividades no Jardim de Infância, em que irei participar. Estas fotografias serão utilizadas para ilustrar as observações feitas durante este período, dando a conhecer a instituição e as atividades desenvolvidas. Também se requer a vossa autorização para serem utilizadas fotos/imagens de trabalhos realizados.

Os trabalhos e as fotografias serão exclusivamente utilizados para o meu portefólio reflexivo, de natureza académica, não sendo divulgados os respetivos nomes das crianças.

Se me autorizarem a tirar fotografias/ a utilizar trabalhos do seu educando/a, por favor preencha o impresso de autorização e entregue-o à educadora.

26 de novembro de 2021

Joana Ferreira, estudante da Universidade do Algarve

Autorização para a publicação de trabalhos e fotografias

De acordo com as condições acima estabelecidas,

Concordo Não concordo
(Por favor, assinale com um X a sua opção.)

Nome da criança: _____

Assinatura do/a encarregado/a de educação: _____

Data: ____/____/____

Apêndice B- Planificação das atividades referentes ao estudo

Planificação Semanal de Atividades

Creche/JI Planeta da Fantasia

Sala de Atividades

Educadora:

Período de vigência: 31 de janeiro a 4 de fevereiro

Estagiária: Joana Ferreira

Atividades Gerais da Semana
Rotinas Diárias
8:30h-10:00h – Receção das crianças 9:00h-9:45h – Brincar 9:45h-10:30h – Atividades orientadas 10:30h-11:15h – AAAF's 11:15h-11:45h – Atividades orientadas 11:45h-12:30h – Almoço 12:30h-13:00h – Higiene e leitura de histórias 13:00h-15:00h – Repouso

Dia	Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação/Obs.
Segunda-feira	-Incentivar as relações sociais, a partilha de brinquedos, a autonomia e liberdade de escolha dos materiais e espaços a utilizar;	-Brincar na sala; -Contar a história “O gato quer mimos” com bonecos em feltro.	-Livro “O gato quer mimos”; -Papel de cenário; -Feltro.	

	<ul style="list-style-type: none"> -Promover o reconhecimento das emoções (tristeza e felicidade); -Promover um meio novo de contar histórias; -Promover a reflexão crítica e a autorreflexão. 			
Terça-feira	<ul style="list-style-type: none"> -Incentivar as relações sociais, a partilha de brinquedos, a autonomia e liberdade de escolha dos materiais e espaços a utilizar; -Verificar o interesse das crianças pelo tema; -Envolver as crianças no processo de aprendizagem; -Promover a reflexão crítica e a autorreflexão. 	<ul style="list-style-type: none"> -Brincar na sala; -Reconto da história “O gato quer mimos” pelo grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> -Livro “O gato quer mimos” -Papel de cenário; -Feltro. 	
Quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> -Promover a partilha de estratégias na gestão da tristeza e da felicidade; -Promover o reconhecimento das emoções em estudo; -Promover a diferenciação das emoções; -Promover a exploração da expressão facial/corporal de cada emoção básica; -Promover a comunicação verbal e não verbal; -Promover o jogo simbólico. 	<ul style="list-style-type: none"> -Cubo das emoções (ações/mímica) 	<ul style="list-style-type: none"> -Papel de cenário; -Tintas; -Canetas; -Lápis. 	
Quinta-feira	<ul style="list-style-type: none"> -Potenciar a comunicação verbal e a sua compreensão; -Desenvolver a oralidade; -Avaliar o conhecimento que as crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - “O que sente a maçã?” 	<ul style="list-style-type: none"> -Maçã 	

	<p>detinham relativamente às emoções em estudo;</p> <ul style="list-style-type: none"> -Explorar os efeitos que as emoções têm em nós; -Promover reflexão crítica e autorreflexão; -Explorar os efeitos que as emoções têm em nós. 			
Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> -Promover a partilha e expressão das emoções em estudo; -Promover a criatividade; -Promover o envolvimento positivo entre pares; -Envolver as crianças no processo de aprendizagem; -Promover o domínio da expressão plástica. 	<p>-Mural de fotografias e marcas (Nós crianças, queremos...).</p>		